



1.1 Espanto e fragmento

a interrogação, o questionar

Começar aqui é interromper uma tarefa noutra lado, claro.

A propósito de Heidegger, Steiner escreve: “Precisamos de dar mais assistência ao pensamento.”¹ Esta assistência, esta atenção cuidadosa pode ser interpretada como a atenção que se tem em relação a um ferido e, sendo assim, é quase comovente: não tires os olhos do pensamento; ele precisa de ti. Eis o que cada um de nós poderia dizer. E neste pensamento há uma marca que permite o avanço; a “fonte do pensamento genuíno é o espanto, espanto por, e perante o ser. O seu desenvolvimento é essa cuidada tradução do espanto em acção que é o questionar”², escreve Steiner. Questionar “é a tradução do espanto em acção”. Não basta, pois, o espanto imóvel, o espanto contemplativo, precisamos de um *espanto agressivo*, que ameace, que questione. Um espanto que sabe para onde vai. Como diz uma das personagens de Musil: é “tão simples ter força para agir e tão difícil encontrar um sentido para a acção!”³. Para Heidegger, segundo a interpretação de Steiner, as “técnicas metafísicas de argumentação e sistematização



Se o que merece ser visto está escondido, não precisas de olhos. É isso?

1 - Steiner, George – *Heidegger*, 1990, p. 53, Dom Quixote.

2 - Idem, p. 54.

3 - Muitas vezes, escreve ainda Musil, no mesmo excerto, o Homem encontra um sentido único e fecha-se nele: “o Homem não faz mais do que repetir, durante toda a sua vida, um só acto: ingressa numa profissão e progride nela”. (Musil, Robert, *O Homem sem Qualidades*, Vol. III, s/ data, p. 90, Livros do Brasil)

impedem-nos [...] de exprimir os nossos pensamentos no registo vital da interrogação”⁴. Mas a interrogação é essencial. Impor afirmações que põem questões.

No fundo, uma gaiola com olhos dentro. São objectivas de máquinas que ali balançam. São transportadas de um lado para o outro como animais domésticos.

Cada objectiva já viu muito. Também se trata disto: de guardar, armazenar, memorizar o que muitos olhos mecânicos viram.



hesitação e investigação

Steiner, ainda no estudo que faz sobre Heidegger, aborda a sua “contralógica”, definida como “o projecto singular de substituir o discurso agressivo, inquisitorial da investigação aristotélica, baconiana e positivista por uma dialéctica hesitante, mesmo circular, não obstante dinâmica”⁵.

Este termo, *hesitante*, parece-nos fundamental. Um *avanço hesitante*: eis um método; avançar, não em linha recta mas numa espécie de *linha exaltada*, que se entusiasma, que vai atrás de uma certa intensidade sentida;

4 - Steiner, George – *Heidegger*, 1990, p. 54, Dom Quixote.

5 - Idem, p. 54.

avanço que não tem já um trajecto definido, mas sim um trajecto pressentido, trajecto que constantemente é posto em causa; quem avança hesita porque não quer saber o sítio para onde vai – se o soubesse já, para que caminharia ele? Que pode ainda descobrir quem conhece já o destino? Hesitar é um efeito da acção de descobrir; só não hesita quem já descobriu, quem já colocou um ponto final no seu processo de investigação. “As minhas dúvidas formam um sistema”⁶, escreveu Wittgenstein.

sem-resposta

Mas voltemos ao questionar. Para Heidegger, como esclarece Steiner, no pensamento que questiona “não há nem um forçar nem uma investida programática da inquirição para obter uma resposta”; questionar, pelo contrário, “é entrar em concordância harmónica com o que está a ser questionado”. Não há aqui, pois, uma relação de forças, não é o forte que questiona o fraco. “A ‘resposta’ suscitada pelo questionar autêntico é uma correspondência.”⁷ Esta correspondência envolve uma luta – eventualmente amigável mas nunca resolvida. Escreve Steiner: “Não há, na verdade, muito a ganhar por perguntar mais uma vez qual a quilometragem até à lua ou qual é a fórmula para fazer ácido clorídrico. Nós sabemos as respostas”, e saber já as respostas demonstra, “segundo Heidegger”, a “não essencialidade” ou a “pouca-importância” da questão. “O que é ‘digno de questionamento’, por seu lado, é literalmente inesgotável.” O que nunca termina de ser respondido é o essencial. “Não há respostas terminais, resolubilidades últimas e formais para a questão do sentido da existência humana ou do significado de uma sonata de Mozart ou do conflito entre consciência individual e condicionamentos sociais.” Steiner explicita então esta ideia fundamental de Heidegger: “A errância, a peregrinação em direcção ao que é digno de ser questionado, não é aventura e sim voltar-a-casa.”⁸



Os colecionadores são homens sempre curvados. Não há outra forma de coleccionar. Tudo começa nas costas, na forma como o próprio corpo esconde aquilo que quer que ninguém roube.



6 - Wittgenstein, Ludwig – *Da Certeza*, 1998, p. 49, Edições 70.

7 - Steiner, George – *Heidegger*, 1990, p. 54, Dom Quixote.

8 - Idem, p. 54.

Errar, ou seja, circular de modo hesitante, só é útil e profundamente humano quando é feito em redor do que não tem resposta, do que não está ainda decidido, do que ainda nos espanta, do que ainda nos confronta, daquilo sobre o qual ainda se discute, argumenta, luta. Clarifica Steiner: “O homem, na sua dignidade, regressa a casa para o sem-resposta.”

Eis o que interessa: rodear o que não tem fórmula, o que não tem incógnitas concentradas num sítio, disponíveis para uma qualquer resolução objectiva e inequívoca. Pelo contrário, rodeia-se, sim, o informe, o oposto da fórmula. Fórmula como a quantificação de uma forma; o informe, pelo contrário, como o que não tem forma, o que não tem qualidades, características, muito menos medidas; o informe é o que se ri e troça da fórmula; é o inimigo da fórmula, que não pode ser agarrado: como combater o que não tem forma?

Em suma, só é digno de ser questionado, só é digno de ser investigado, o que ainda não tem fórmula, o que ainda não tem solução; e mais: o que nunca terá solução. Errar, circular, hesitar em redor do que não tem solução: um método⁹.

gavetas, conceitos

Mais de metade da energia humana, neste caso, energia intelectual, energia do pensamento, é atirada para uma acção: a de organizar. Organizar é arrumar o que existe, é limpar os obstáculos à utilização do que já existe: *é tornar eficaz a utilização do passado*; de certa maneira, *é direccionar o que já se pensou*, o que já se fez, o que já se falou; e direccionar significa dizer com as acções: isto vai para aqui, aquilo vai para ali.

Bachelard fala da ideia de gaveta: “Como se sabe, a metáfora da *gaveta*, a exemplo de algumas outras, como a da ‘roupa de confecção’, é utilizada por Bergson para exprimir a insuficiência de uma filosofia do conceito. Os conceitos



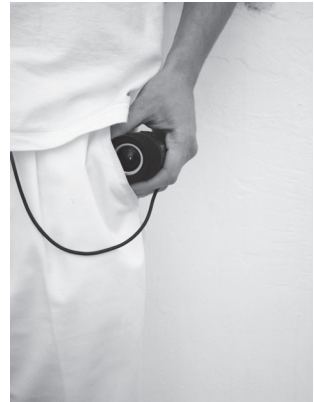
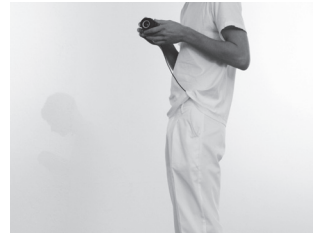
9 - A ironia de Valéry (nos seus textos sobre estética): “Introduzamos aqui uma pequena observação que chamarei ‘filosófica’, o que simplesmente quer dizer que poderíamos passar sem ela.” (Valéry, Paul – *Teoria Poética y Estética*, 1998, p. 94, Visor)

são *gavetas* que servem para classificar os conhecimentos; os conceitos são roupas de confecção que desindividualizam conhecimentos vividos.”¹⁰

Os conceitos são *organizações verbais*, arrumações verbais; os conceitos são palavras que arrumam outras palavras, palavras arrumadoras; necessárias num determinado período, mas que podem a seguir tornar-se, e até rapidamente, obstáculos. Bachelard vai ao limite e escreve: “Para cada conceito há uma gaveta no móvel das categorias. O conceito é um pensamento morto, já que é, por definição, pensamento classificado.”¹¹

Mas esta classificação é negativa apenas se for autoritária, se marcar o fim da linha. Todo o conceito que termina com a investigação conceptual, neste caso, é um conceito prejudicial. Todo o conceito que, pelo contrário, possibilita discordância, rejeição – isto é, que admite diálogo e que não impõe o fim da conversa, este tipo de conceito então, pelo contrário, é benéfico; mais: é indispensável¹². Pensamos, de facto, por conceitos¹³, mas as gavetas com comunicação múltipla entre si, com buracos, com declives, com passagens óbvias e outras mais secretas são divertidas; gavetas que segurem não materiais sólidos mas líquidos, materiais cuja essência seja o movimento, materiais que não estão num sítio: *circulam entre sítios*.

Não se trata pois de solidificar conceitos¹⁴; pelo contrário: torná-los flexíveis; são coisas que utilizamos, são meios, não são aquilo a que pretendemos chegar. Pretende-se *encontrar e multiplicar conceitos*, formas da linguagem – “falar fora das fórmulas”¹⁵, como pedia Zambrano, ou falar “como quem se decide e se lava”, como descreveu Llansol¹⁶. A mesma autora que faz alguém exclamar, como um dono autoritário:



*Um olho que se leva no bolso.
Em vez de relógio de bolso. Olho de bolso.
Uma máquina para recordar o que se vê.*

10 - Bachelard, Gaston – *A Poética do Espaço*, 1996, p. 88, Martins Fontes.

11 - Idem, p. 88.

12 - Escreve Wittgenstein nas suas *Fichas*. “Na ciência, é normal fazer dos fenómenos que permitem uma medição exacta critérios definidos de uma expressão; e depois tende-se a pensar que o significado verdadeiro foi *encontrado*. Inúmeras confusões surgiram deste modo.” (Wittgenstein, Ludwig – *Fichas (Zettel)*), 1998, p. 103, Edições 70)

13 - “Os conceitos levam-nos a fazer investigações”, escreve Wittgenstein. Eles são “a expressão do nosso interesse e guiam o nosso interesse”. (Wittgenstein, Ludwig – *Tratado Lógico-Filosófico/Investigações Filosóficas*, 1995, p. 458, Fundação Calouste Gulbenkian)

14 - “Imaginemos um *povo* de daltónicos, o que pode bem acontecer. Não teriam os mesmos conceitos de cor que nós.” (Wittgenstein, Ludwig – *Anotações sobre as Cores*, 1996, p. 17, Edições 70)

15 - Zambrano, María – *O Homem e o Divino*, 1994, p. 192, Relógio D’Água.

16 - Llansol, Maria Gabriela – *Onde Vais, Drama-Poesia?*, 2000, p. 90, Relógio D’Água.